

PERCEPÇÕES DOS JOVENS HOMENS DO CAMPO SOBRE AS JOVENS MULHERES: REFLETIR PARA “QUEBRAR” ESTEREÓTIPOS

Layla Gabrielle Santos Souza/UNEB¹

Domingos Rodrigues da Trindade/UNEB²

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de analisar as percepções dos jovens homens do Território de Identidade Sertão Produtivo sobre as jovens mulheres. Para isso, foram levantadas discussões acerca de temáticas sobre juventudes, gênero, patriarcado, machismo, feminismo e violências contra as mulheres. A pesquisa é de caráter qualitativo, a qual dá subsídios para a compreensão aprofundada sobre o objeto de estudo e o instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista. De início, utilizamos de aparatos teóricos para as discussões, com os seguintes autores e autoras: Pais (1990), Scott (1989), Castro (2012), entre outros (as). A pesquisa foi realizada com 12 jovens que residem em comunidades da região do município de Guanambi, Bahia. Organizamos o estudo nas seguintes categorias: direitos, violência, trabalho e educação. Podemos inferir a partir dos dados que a nossa sociedade está a passos lentos de oferecer uma vida com equidade para as mulheres, sejam elas do campo ou da cidade, isso se confirma nas percepções dos jovens sobre as mulheres. Apesar de alguns jovens já reconhecerem que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos, por outro lado, ainda existem jovens pensando que a forma como a mulher se veste interfere no seu caráter. Portanto, a questão de gênero deve ser mais debatida na escola e na sociedade de modo geral.

Palavras-chave: Gênero. Homens. Juventudes. Meio rural. Mulheres.

Introdução

Este texto é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica sobre o “olhar” dos jovens homens do campo do Território de Identidade Sertão Produtivo sobre as jovens mulheres. Para embasamento teórico discutiu-se alguns conceitos que perpassam a relação entre homens e mulheres, os quais são: juventudes, gênero, patriarcado, feminismo, machismo e violências contra as mulheres.

Considerando a diversidade de contextos e condições em que vive a juventude, não se pode defini-la de forma homogênea, mas como uma categoria social ampla, diversa e heterogênea. É necessário considerar que cada grupo juvenil tem suas especificidades, e, portanto, não deve se enquadrar ou tratar todos/as jovens do mesmo jeito.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, DEDC Campus XII; E-mail: laygabs001@gmail.com;

² Doutor em Educação pela Universidade de Brasília; Diretor e professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia, DEDC Campus XII; E-mail: dtrindade@uneb.br.

Estudar as percepções dos jovens homens sobre as jovens mulheres é cada vez mais necessário, considerando que as mulheres, historicamente, sofrem violência de alguma forma, seja ela física, psicológica, moral ou de outra natureza.

Assim, neste trabalho, apresentaremos e refletiremos sobre as percepções de jovens homens do campo do Território de Identidade Sertão Produtivas sobre as jovens mulheres. A pesquisa foi realizada com jovens de 18 a 27 anos, que residem na região do município de Guanambi, Bahia. Foram utilizadas 12 entrevistas e os sujeitos serão identificados na pesquisa mediante números, do um ao doze.

Juventudes: grupos diversificados

Os/as jovens têm seus direitos assegurados por meio do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013) e para este documento ser jovem é estar na faixa etária entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. No entanto, para além da idade estabelecida por lei, Kehl (2007) cita que não necessariamente ter entre 15 e 29 anos significa que alguém pode sentir-se jovem, isso depende da sua concepção de mundo e das suas vivências na sociedade na qual está inserido.

No entendimento de Pais (1990) é necessário discutir sobre as diferenças que existem entre eles/as socialmente. Desta forma, é importante destacar que não se podem analisar os costumes dos/as jovens da cidade, da mesma forma que analisamos os costumes dos/as jovens do campo, ou, definir um conceito único para a juventude de diferentes classes sociais.

Assim como outros grupos de jovens, os/as do campo também possuem as suas especificidades, seu modo de se relacionar com o ambiente em que vive, com suas culturas, seus valores e seus métodos de trabalho.

De acordo Castro (2012, p. 442), baseando-se nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

se existe certo equilíbrio entre a população jovem masculina e feminina na faixa etária de 15 a 29 anos (49,1% e 50,9%, respectivamente), o mesmo não se observa com a população jovem do campo (53,2% de homens para 46,8% de mulheres nessa faixa etária); o desequilíbrio é ainda maior na faixa etária de 15 a 17 anos (55 % e 45%, respectivamente). (IBGE, 2010).

Podemos então perceber que existe um bom número de jovens no campo e que estes devem receber as condições necessárias para continuarem em suas terras, caso seja essa a sua vontade. É preciso que se concretize o que está posto no Estatuto da Juventude, se efetivando a garantia de educação, saúde, lazer, participação ativa na política, entre outros direitos.

Discussões sobre gênero e patriarcado

A autora Scott (1989, p. 21), define gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, e, também, como “uma forma primeira de significar as relações de poder”. Utilizando desta última definição, podemos constatar que o debate sobre gênero também tem a ver com as questões relacionadas ao “poder” que está envolvido nas relações entre homens e mulheres na nossa sociedade.

O patriarcado favorece a desigualdade entre os gêneros, quando supõe que há uma superioridade dos homens sobre as mulheres. Segundo Machado (2000, p. 3), “patriarcado se refere a uma forma, entre outras, de modos de organização social ou de dominação social”, neste caso, o “poder” está centrado na figura masculina.

Discussões e resultados

As narrativas a seguir expressam algumas das percepções dos jovens sobre as mulheres. As perguntas realizadas deram margem para a discussão de sete temáticas, no entanto, apenas quatro serão expostas a seguir:

Direitos:

Foi indagado aos jovens se eles concordam com a luta das mulheres em busca de direitos e oportunidades iguais, ou se eles consideram que esta luta não é necessária, uma das respostas foi:

Jovem 3 (09/06/2019): Então, essa luta não deveria ser necessária se a sociedade visse elas como iguais a todos né, mas como não vê, tem que lutar sim, lutar pelos seus direitos, porque elas merecem ser iguais a todos né.

Desta forma, percebemos que os jovens acreditam que os direitos das mulheres ainda não são respeitados em sua totalidade e que a luta é necessária para que se tenham conquistas significativas para este coletivo.

No entanto, cabe ressaltar algumas conquistas que as mulheres, com enfoque nas brasileiras, já alcançaram a partir de muita luta. Em 1879, as mulheres conseguiram o direito de cursar ensino superior no Brasil. Em 1932, a Constituição Federal permite que o direito ao voto seja também das mulheres. Em 1960, houve a criação e a comercialização da pílula anticoncepcional.

Em 2006, criou-se a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06), em busca do combate à violência doméstica. E, em 2015, a Lei do Feminicídio (Lei 13.104/15), que coloca o crime contra a mulher em razão do seu sexo na categoria de crime hediondo. Acreditamos que ainda há muito a ser feito em relação aos direitos das mulheres e pela conquista de respeito dentro da sociedade de forma integral.

Violências

Foi indagado aos sujeitos entrevistados sobre o que levam as mulheres a sofrerem tantas violências, sejam elas físicas, morais, psicológicas, entre outras. Uma das respostas foi:

Jovem 8 (26/04/2019): [...] dos tempos antepassados da história que as mulheres viviam sobre os seus maridos que elas, eram impostas a serem, só ficar dentro de casa, fazer comida é, ter filhos, isso aí veio na mentalidade das pessoas e hoje em dia tem esse problema [...] é uma questão histórica [...].

Podemos compreender o fato das mulheres sofrerem tantas violências como algo advindo de uma construção social histórica. A mulher sofre com a sociedade patriarcal, com o exercício do poder centrado na figura masculina, e com a carga de ser vista como inferior, incapaz e incompetente.

As violências que as mulheres sofrem são várias, as quais podem ser categorizadas como: física, moral, psicológica, documental, sexual, patrimonial e econômica. Tanto as mulheres da cidade quanto as mulheres do campo, infelizmente, sofrem com algum tipo de violência, e estas não podem ser silenciadas, por isso é necessário que as mulheres tenham acesso às informações necessárias, para buscarem a efetivação dos seus direitos.

Trabalho

Foi realizada uma pergunta sobre a forma de como é o trabalho do homem e da mulher no campo e o que eles pensavam sobre isso, e obtivemos a seguinte resposta:

Jovem 5 (26/04/2019): No meu modo de vista, é o homem trabalhar e a mulher fica em casa, doméstica. Que cada um tem sua atividade, o homem vai pra roça e a mulher faz as tarefas dentro de casa.

Identificamos na maioria dos diálogos, que os homens realizam os trabalhos que demandam mais força física, e as mulheres realizam as atividades domésticas, no entanto, em alguns dos diálogos, ficou claro que as mulheres também vão à lavoura realizar algum tipo de trabalho.

Em relação ao salário recebido, obtivemos a informação por meio de uma reportagem do site G1 (2018), que há uma disparidade salarial entre homens e mulheres quando ocupam a

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



mesma função e com o mesmo nível de escolarização. Essa divergência está em torno de 14% no mínimo e 38% no máximo.

Educação

Neste campo, foi indagado aos jovens se, na opinião deles, as mulheres devem investir e dar continuidade nos estudos, todos responderam que sim, e levantaram justificativas como: o estudo é o futuro de todos nós, para ingressar no mercado de trabalho, adquirir mais conhecimentos, para ajudar na realização de tarefas corriqueiras, entre outros.

Uma dessas falas nos chamou atenção, a qual é “porque se elas quiserem algo além elas tem que estudar também né, como os homens fazem, como todo mundo tem que fazer, se elas quiserem ficar só pra cuidar da casa também é um direito delas” (**Jovem 9**). Dessa forma, reiteramos o fato de que as mulheres devem ter o direito de fazer escolhas, seja trabalhar em outro espaço ou realizar as atividades domésticas, ou cumprir as duas funções, seja de investir em seus estudos ou não, de forma que isso seja opcional, e não imposto.

Foi perguntado aos jovens se o homem e a mulher do campo possuem condições para estudar, e uma das respostas foi: **Jovem 7** (28/05/2019) “Nem todos; porque a carga assim, de trabalho do dia a dia tem hora que é muito cansativa, muito complicado, tanto o homem tanto a mulher não tem tempo pra estudar pra prova, avaliações, alguma coisa”.

Muitas vezes os jovens optam por ingressar no mercado de trabalho, a fim de obterem renda para garantir a sua autonomia. Em outros casos, alguns buscam ingressar no ensino superior para garantir formação qualificada e ainda, existem os jovens que realizam as duas funções concomitantemente.

Conclusões

De acordo com o que foi apresentado, concluímos que a nossa sociedade está a passos lentos de oferecer uma vida com equidade para as mulheres, sejam elas do campo ou da cidade. Mulheres estas, que lutam incansavelmente pelo reconhecimento no meio social, como também pelo respeito ao seu corpo e às suas escolhas. É necessário reconhecermos que a sociedade ainda reproduz o machismo, e isso prejudica as mulheres em âmbitos sociais, familiares e culturais.

A pesquisa com os jovens homens contribuiu para que compreendêssemos quais são as suas percepções sobre as mulheres, permitindo que, a partir disso, entendamos que os caminhos já estão sendo traçados, visto que a maioria das respostas não teve o machismo como fundamento. No entanto, é necessário ressaltar que ainda há muito a ser feito, para a garantia plena da existência das mulheres.

Referências

BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em 16 de jul. de 2019.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 22 de jul. de 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 30 de jul. de 2019.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude do Campo. In: CALDART, Roseli Salette (org). **Dicionário da Educação do Campo**. p. 439-446. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788 p.

CAVALLINI, Marta. Mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos e áreas, diz pesquisa. **Site: G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 30 de jul. de 2019.

MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto**: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?. Série Antropologia. Brasília, 2000.

PINHEIRO, Tata. **As principais conquistas das mulheres na história**. Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/16047/as-principais-conquistas-das-mulheres-na-historia>>. Acesso em: 29 de jul. de 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.